

As contribuições de Rogério Andrade Barbosa para a literatura afro-brasileira

Rogério Andrade Barbosa's contributions to Afro-Brazilian literature

Contribuciones de Rogério Andrade Barbosa a la literatura afrobrasileña

Recebido: 15/06/2020 | Revisado: 28/06/2020 | Aceito: 10/07/2020 | Publicado: 20/07/2020

Roselina Aguiar

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9419-7902>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano, Brasil

E-mail: aguiarroselina@gmail.com

Marcela Ítalo Rodrigues e Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2895-7846>

Universidade Estadual de Goiás, Brasil

E-mail: mitalobianco@gmail.com

Rosenilde Nogueira Paniago

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1178-8166>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano, Brasil

E-mail: rosenilde.paniago@ifgoiano.edu.br

Luciana Aguiar

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3626-6447>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano, Brasil

E-mail: luciana@aguiarconsultoriaeducacional.page

Vanilda Maria Campos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2815-0460>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão, Brasil

E-mail: vanilda_campos@yahoo.com.br

Álvaro Itaúna Schalcher Pereira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5415-9701>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão, Brasil

E-mail: alvaro.pereira@ifma.edu.br

Resumo

O presente artigo aborda as contribuições de Rogério Andrade Barbosa para a literatura Afro-brasileira, uma vez que ele, em seus contos, evidencia a história dos griots e, em seus livros

“O Filho do Vento” e “Como as Histórias se Espalham pelo Mundo”, esclarece como elas são trazidas para a literatura brasileira. O objetivo é destacar a representação dos griots na cultura africana e a maneira pela qual essa representação configura-se em narrativas de literatura brasileira, problematizando o uso da literatura europeia em detrimento da literatura afro-brasileira nas escolas. Identifica-se a demonstração do processo histórico dos negros e suas formas de preservar a tradição oral. Os griots são considerados como guardiões da história e, por meio da utilização da oralidade, transmitem seus conhecimentos de geração para geração. Assim, o autor utiliza esses contos com o intuito de distanciar a literatura lusitana, valorizando a literatura afro-brasileira, pois é relevante o educando conhecer a história de seus antepassados para valorizar e respeitar.

Palavras-chave: Griots; Cultura africana; Tradição oral; Valorização; Ensino.

Abstract

This article discusses Rogério Andrade Barbosa's contributions to Afro-Brazilian literature, since the same in his short stories highlights the history of the griots and in his books “the son of the wind” and “how the stories spread throughout the world” and are brought into Brazilian literature. The objective is to highlight the representation of griots in African culture and the way in which this representation is configured in narratives of Brazilian literature, problematizing the use of European literature to the detriment of Afro-Brazilian literature in schools. There is a demonstration of the historical process of blacks and their ways of preserving oral tradition. The griots are considered as guardians of history and through the use of orality they transmit their knowledge from generation to generation. Thus, the author uses these tales in order to distance Portuguese literature and valuing Afro-Brazilian literature, as it is relevant for the student to know the history of his ancestors to value and respect.

Keywords: Griots; African culture; Oral tradition; Appreciation; Teaching.

Resumen

Resumen: Este artículo analiza las contribuciones de Rogério Andrade Barbosa a la literatura afrobrasileña, ya que lo mismo en sus cuentos destaca la historia de los griots y en sus libros "el hijo del viento" y "cómo las historias se extendieron por todo el mundo ", Destaca cómo fueron llevados a la literatura brasileña. El objetivo es resaltar la representación de los griots en la cultura africana y la forma en que esta representación se configura en las narrativas de la literatura brasileña, problematizando el uso de la literatura europea en detrimento de la literatura afrobrasileña en las escuelas. Se identifica la demostración del proceso histórico de

los negros y sus formas de preservar la tradición oral. Los griots son considerados guardianes de la historia y, mediante el uso de la oralidad, transmiten sus conocimientos de generación en generación. Por lo tanto, el autor utiliza estos cuentos para distanciar la literatura lusitana y valorar la literatura afrobrasileña, ya que es relevante que el estudiante conozca la historia de sus antepasados para valorarla y respetarla.

Palabras clave: Griots; cultura africana; Tradición oral; Recuperación; Enseñando.

1. Introdução

Este artigo aborda a importância das contribuições de Rogério de Andrade Barbosa para a Literatura Brasileira, privilegiando a cultura afro-brasileira. Considera-se relevante compreender a cultura afro-brasileira, esta que é distinta da literatura, propriamente dita, do ponto de vista dos escritores e os assuntos abordados. Portanto, grande parte dos escritores negros e afro-brasileiros não são conhecidos pelos leitores, não fazendo parte do cotidiano escolar.

A presente pesquisa objetiva destacar a representação dos griots na cultura africana e a maneira pela qual essa representação configura-se em narrativas da literatura brasileira, problematizando o uso da literatura europeia em detrimento da literatura afro-brasileira, considerando que, nas escolas, ensina-se apenas a literatura com foco europeu. Sendo assim, a perspectiva é conhecer alguns contos de autores afro-brasileiros, como os de Rogério Andrade Barbosa, considerado um autor contemporâneo, cujas produções contribuem para a transmissão da tradição oral, relevante para a construção do processo histórico da identidade afro-brasileira.

Até o final do século XIX, prevalecia, no Brasil, uma literatura ainda dependente da literatura europeia, uma espécie de continuação da leitura de literaturas lusitanas, francesas, entre outras (Cândido, 1975). Diante do cenário eurocêntrico, no qual, estava estruturada a literatura brasileira, o escritor Rogério Andrade Barbosa sentiu a necessidade de escrever sobre a cultura-afro, uma vez que a maioria da população brasileira se constitui de descendentes africanos, a qual não conhece a história de seus ancestrais. Nessa perspectiva, ainda para o brasileiro, o negro está associado tão somente ao seu passado escravista, como um ser servil e sem perspectiva de conhecimento e de valor, como se este não tivesse uma história antes de sua chegada ao Brasil.

Ao escrever seus contos (O Filho do Vento e Como as Histórias se espalharam pelo Mundo), depreende-se que a intencionalidade de Rogério Barbosa era alcançar as crianças por

meio da literatura infantil, na tentativa de ressignificar a posição do negro na sociedade brasileira, antes visto apenas pelo seu caráter de submissão e de ser dócil, pronto a ser explorado. Dessa maneira, a criança afrodescendente, ao se deparar com uma literatura pensada nas questões africanas, passará a compreender que o seu antepassado é um ser ativo e sujeito ativo de sua própria história.

Rogério Andrade Barbosa tornou-se escritor, o contador de histórias da cultura africana, em que escreve suas histórias, mostrando, para as crianças, a importância do griot. Trabalha na área de Literatura Afro-Brasileira e em programas de incentivo à leitura. No decorrer de sua trajetória, já publicou mais de 90 livros, alguns traduzidos para outros idiomas, como o inglês, o espanhol e o alemão. Uma de suas primeiras publicações voltada para o público infantil ocorreu na década de 1980, quando retornou de viagem por dois anos na África.

Ao ser entrevistado por Hansen (2004), Rogério Andrade, ao falar de sua descendência, afirma que, apesar da sua cor ser clara, é neto de afrodescendente. Assim, o autor evidencia que afrodescendente é aquele indivíduo descendente de africano, sendo o Brasil o país que possui o maior número de pessoas com descendência africana. A partir da problemática dos afrodescendentes no Brasil, Rogério Andrade sentiu a necessidade de valorizar a cultura africana por meio de suas narrativas, uma vez que o cativo, apesar das adversidades do período da escravidão e do preconceito, é um povo que não abandonou suas tradições, mesmo quando trazido para terras tupiniquins pelos navios negreiros. Nesse processo de transporte nos navios, era feito o procedimento da árvore do esquecimento, a fim de que as tradições africanas fossem apagadas e esquecidas e, dessa forma, haveria uma maior possibilidade de adaptação, numa nova realidade de exploração de mão de obra, na qual, os escravizados se encontrariam a partir de então. Ainda assim, diante da situação de exploração, muitos escravizados resistiram e, como forma de resistência à opressão sofrida, continuaram passando sua cultura e tradição, de geração em geração.

Diante de todo esse cenário de opressão e desigualdade, o Brasil é visto como um país, no qual, o preconceito continua arraigado na formação da população, porém, surge a necessidade de potencializar a eficácia da LDB, já que, estando amparada pela reflexão atenta aos aspectos étnicos, propicia, de modo afetivo, a oportunidade da pesquisa e o reconhecimento de práticas socioeducativas oriundas das experiências das culturas de origem africana. Ademais, é fundamental, portanto, tornar obrigatória a Lei 10.639, já implantada desde 9 de janeiro de 2003; somente por meio dessa lei, a cultura afro poderá ser trabalhada nas escolas de maneira inclusiva, colocando o africano como ponto de destaque na formação

de nossa cultura, evidenciando a sua importância para a construção de uma sociedade liberta de preconceitos e que reconheça o negro como ser ímpar em nosso meio.

A partir do exposto, considera-se relevante enfatizar a importância das tradições africanas no Brasil, uma vez que, mesmo que os africanos tenham sido mão de obra escravista no contexto da colonização brasileira, trouxeram a sua cultura, influenciando no fortalecimento da nossa literatura. Cabe-nos, portanto, contribuir para que uma cultura de extremo valor não seja silenciada no processo educativo e social brasileiro.

Para efeitos de organização estruturou-se o texto da seguinte forma: inicialmente apresenta-se o percurso metodológico, seguido de uma reflexão sobre os griots como guardiões da cultura africana, finalizando com as contribuições de Rogério Andrade Barbosa para a literatura Afro-brasileira.

2. Metodologia

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa. Para Bogdan e Biklen (1994), a expressão investigação qualitativa engloba vários procedimentos de investigação. Esse tipo de pesquisa tem como características: o ambiente do sujeito como fonte direta dos dados, sendo o instrumento principal o investigador; é descritiva; enfatiza mais o processo do que o produto; tem a tendência em analisar os dados de forma indutiva; enfatiza o significado e se interessa pelo modo como as pessoas dão às suas vidas. E do ponto de vista da pesquisa bibliográfica, Fonseca (2002) elucida que ela é realizada a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas por meios escritos (livros) e eletrônicos (artigos em páginas de web sites, outros tipos de textos).

Sabe-se que toda pesquisa é realizada a partir de uma pesquisa bibliográfica, que oportuniza ao pesquisador encontrar fontes de conhecimentos já construídas sobre a temática pesquisada. Contudo, também existem pesquisas que se baseiam exclusivamente, em temáticas já publicadas, ou seja, na pesquisa bibliográfica, como é o caso da presente pesquisa.

Assim, no conjunto das obras pesquisadas sobre as tradições orais africanas, destacar-se-á os contos de Rogério Andrade, em que elucida-se a valorização das matrizes africanas no Brasil. Para além, nos ancora-se, especialmente, nos teóricos, Agualusa (2006), Bâ (2010), Bernat (2013), (Santos, 2007), Vansina (1980) para a compreensão dos griots como guardiões da cultura africana.

3. Griots: os Guardiões da Cultura Africana

É relevante o conhecimento do contexto histórico da tradição da literatura africana oral dos griots para se compreender a sua relação e a sua importância para a Literatura Brasileira. Os griots eram contadores de histórias que passavam de geração para geração os seus relatos. Seus contos retratavam a realidade da sociedade em que viviam, seus costumes, ou seja, seu contexto histórico e social:

O griô é uma espécie de historiador, guardião das tradições. Na África tradicional, até nossos dias, são ainda encontradas três categorias de griôs: os músicos, os “embaixadores” – encarregados dos contatos entre clãs de famílias importantes – e os “tradicionalistas”, também chamados de historiadores, que são bons contadores de histórias e grandes viajantes (Santos, 2007, p. 12).

Identifica-se que os griots eram imprescindíveis para perpetuar a tradição dos africanos, pois contavam histórias de seu povo e eram considerados os guardiões das tradições. Segundo Bernat (2013), foi apenas no final do século XVII que os griots ficaram conhecidos no Ocidente, como na França, mas há registros que, por volta do século XV, outros povos já os conheciam. Cada povo tinha uma visão distinta dos griots, para os europeus, por exemplo, eles eram músicos, enquanto para os árabes, poetas. No entanto, os griots eram apenas contadores de histórias: “Na África Ocidental, através da hereditariedade, o griot mantém, por intermédio da oralidade, a tradição da comunidade, a qual pertence” (Ibid., 2013, p. 49).

Assim, os griots eram considerados tradicionalistas, constituíam-se de informações de absoluta confiança que conferem um alto valor da moral e o sujeito à proibição da mentira. Torna-se outro homem, a quem as pessoas consultam pela sua sabedoria e seu conhecimento, não devendo abusar dos direitos consuetudinários, pois preservavam a memória de um povo dividido em três categorias: músicos, embaixadores, cortesãos, genealogistas, historiadores ou poetas. Os músicos eram tocadores de instrumentos, kora, instrumento de cordas (21), tradicional dos povos mandingas da África Ocidental, tendo uma caixa de ressonância, e tantã (percussão), sendo compositores e preservadores das músicas de seu povo.

Os embaixadores e cortesãos eram espécies de mediadores entre as famílias, principalmente, daquelas detentoras de um poder aquisitivo privilegiado (nobres), às vezes, ligada a uma única pessoa. Os genealogistas têm o conhecimento da história das famílias. Alguns chegam a fazer desse conhecimento uma verdadeira especialização. Os griots dessa categoria, dificilmente, pertencem a uma família e viajam pelo país em busca de informações

históricas. Os historiadores ou poetas podem ser chamados de tradicionalistas, com uma ressalva de que se trata, puramente, de um ramo histórico da tradição, o qual possui outros ramos. Porém, são contadores de história e viajantes. Assim, constata-se que os griots eram muito importantes para seu povo, pois representavam o elo entre o passado e o presente, unindo gerações. “Griô não é só um amigo da boa conversa da História e das histórias – mitos, lendas. É um personagem importante e respeitado nas sociedades africanas, pois é aquele que une as pessoas em torno de gerações, faz o passado e o presente se encontrarem e costura o futuro” (Santos, 2007, p. 12).

Essa ligação que os griots fazem com a história de seu povo foi relevante para a perpetuação das tradições, por esse motivo, a origem de seu respeito, em outras palavras, esse respeito só é possível graças ao seu conhecimento e à sua idade, porquanto, geralmente, os griots eram as pessoas mais velhas dos grupos. Tal ideia demonstra a cultura em diversas regiões e algumas cidades grandes do continente africano, no tocante ao respeito aos velhos e a valorização da família, pois é nesse grupo social que se inicia o conhecimento sobre a história, a natureza e a vida. “O griot aprende para nunca esquecer e nunca esquece porque contar é sua vida, e também a vida da família, da cidade, da nação, que é formada por muitas famílias” (Ibid., 2007, p. 13).

Em face da importância dos griots para a sociedade africana e brasileira, faz-se necessário conhecer a origem desta palavra. “Os griots são também conhecidos como djeli, que significa sangue em maninca” (Bernat, 2013, p. 60). O autor, ao analisar a origem da palavra griot, demonstra a maneira pela qual o significado da palavra faz alusão ao sangue que corre nas veias do ser humano. Dessa maneira, a relação estabelecida entre signo e significado é de que, da mesma forma que o sangue corre nas veias do ser humano, assim também os griots circulam nas veias da sociedade, tendo o poder de curar ou adoecer os indivíduos. Nesse sentido, os griots, por meio da forma como proferem as suas palavras, têm o poder de minimizar ou de expandir os conflitos, portanto, a origem dessa palavra está relacionada ao sangue e à dor (Ibid., 2013). O autor ainda elucida que outra explicação para essa palavra é que o griot pertencia a uma casta inferior, os *ñàmàkálá* e, nesta casta, o griot era o único que não desempenhava funções, tais como ofício manual e mecânico, por isso detinha o domínio da palavra. Portanto, o griot é o depositário fiel das tradições e da história de um povo.

Para se compreender melhor os griots, faz-se necessário também destacar um fato curioso em suas trajetórias, a de que estes não sabiam ler e nem escrever, por isso a oralidade é indispensável para esse povo. Vansina (1980) afirma que as civilizações africanas

baseavam-se na palavra “falada”; mesmo em algumas regiões onde existia a escrita, poucas pessoas sabiam ler e escrever, sendo este ato de interesse secundário para a sociedade da época. E estes guardiões da história de um povo contribuíram para a formação cultural de países que os escravizaram, especificamente o Brasil.

Outrossim, a cultura brasileira sofreu bastante influência dos griots, inclusive da ancestralidade africana, cultura oral e da transmissão de um conhecimento acerca do estudo da memória coletiva. “Cultura popular implica modos de viver: o alimento, o vestuário, a relação homem-mulher, a habitação, [...] as práticas de cura [...] a divisão de tarefas durante a jornada [...], os cantos, as danças [...] (Bosi, 1992, p.324)”. Do ponto de vista da contribuição efetiva da cultura africana em relação à brasileira, o eminente escritor Hampaté Bâ afirma que:

A tradição oral é a grande escola da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos. Pode parecer caótica àqueles que não lhe descortinam o segredo e desconcertar a mentalidade cartesiana acostumada a separar tudo em categorias bem definidas. Dentro da tradição oral, na verdade, o espiritual e o material não estão dissociados [...] Ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação, uma vez que todo pormenor sempre nos permite remontar à Unidade primordial. (Bâ, 1982, p. 182-183).

Compreende-se que a tradição oral possui, de fato, um conjunto de conhecimentos, os quais possibilitam uma visão holística do mundo, ou seja, permite-nos criar uma concepção global da importância da oralidade na construção social das relações humanas, sociais, históricas e de religiosidade. Diante desse contexto, verifica-se que os griots trabalhavam suas histórias e seus contos para seus ouvintes por meio da memória, sobretudo, no conhecimento de que são representações de um povo, baseadas no diálogo entre os indivíduos e grupos étnicos que, através da palavra, propagam suas raízes culturais (Ibid., 1982).

Nas sociedades africanas, a palavra consistia em uma notável transmissão de saberes. Estes, por sua vez, baseados nos relatos de história de vida deste povo tão rico, culturalmente. Ressaltando esta concepção BÂ (2010):

Durante muito tempo, nações modernas julgaram que povos sem escrita eram povos sem cultura. Esse conceito infundado começou a desmoronar após as duas últimas guerras, graças ao notável trabalho realizado por alguns dos grandes etnólogos do mundo inteiro (Bâ, 2010, p. 167).

Assim, o exposto permite inferir que a Europa tem uma ideologia eurocêntrica,

excluindo a sociedade não letrada. Os europeus consideram-se superiores às demais civilizações que preservam as suas tradições por meio da Cultura. Trata-se de uma atitude discriminatória e preconceituosa na sociedade europeia, fazendo um posicionamento da civilização não letrada, considerando-se superior, devido ao desenvolvimento tecnológico. Os habitantes anteriores aos europeus que residiam nas Américas, na África e na Oceania tinham a sua própria cultura.

Porém, este estereótipo de superioridade dos europeus é desconstruído a medida que a cultura afro se destaca na formação cultural do País, ou seja, “através da fala do griot, a história e a memória de muitos povos africanos entraram e permaneceram como integrantes da cultura brasileira” (Melo, 2009, p. 150)

Assim, os griots são mestres da cultura popular afro-brasileira e da literatura oral. Diante deste contexto, percebe-se que a oralidade é o ponto chave da comunicação humana; esta contribui para a formação de um ser social a partir de sua história. Para Pereira (2007, p. 107), “ao pensarmos em oralidade, devemos pensar em um ser social que, a partir da história de sua comunidade, emprega recursos do corpo, da voz e do espaço para entoar cantos, narrar eventos reais ou imaginários tanto do passado quanto do presente”.

Assim, verifica-se que a memória social é relevante para a construção de um indivíduo, uma vez que contempla todo o seu contexto histórico, cultural e social, formando a identidade de cada ser que é única devido aos fatores que interferem na sua construção. Le Goff afirma (2003, p. 426) que “o estudo da memória social é um dos modos fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente, ao qual a memória está ora no retraimento, ora em transbordamento”.

Esta premissa do autor é evidenciada quando os africanos vieram para Brasil, entre os séculos XVI e XIX, trouxeram a tradição da cultura oral que foi tolhida, sendo proibida de desenvolver esta oralidade no início. “Os escravos que sobreviviam à travessia, ao chegar ao Brasil, eram logo separados do seu grupo linguístico e cultural africano e misturados com outros de tribos diversas para que não pudessem se comunicar” (Gedeles, 2012). Para este autor, a memória é um elemento fundamental, sendo a identidade, individual ou coletiva.

A oralidade para essa cultura só é possível porque os griots são detentores de uma excelente memória. Assim, as sociedades orais utilizavam a oralidade para contar histórias e transmitir seus conhecimentos. As autoras Figueira e Miranda (2012) referem-se a Le Goff, ao afirmarem que é habitual, nas sociedades que priorizam a oralidade, a presença dos homens da memória, ou seja, o griot que conta a história, mantendo a tradição e as lembranças de um povo, assim, a vida em sociedade e os seus acontecimentos têm sentido,

manifestando a literatura oral em que se preservam a tradição africana e de seus afrodescendentes.

Outro aspecto importante ao se falar dos griots é a maneira pela qual eles eram pessoas que valorizavam, demasiadamente, a família, pois era dentro da organização familiar que recebiam as primeiras instruções, a educação e a preparação para ser um griot. Dessa maneira, as famílias transmitiam os conhecimentos e contavam histórias para os seus filhos.

A mãe prestava o papel de cuidar e educar os filhos até os sete anos de idade, e, após essa tarefa, os infantes ficavam aos cuidados do pai. Após os quatorze anos, a educação ficava a cargo da “escola da rua”, onde os jovens passavam a conviver com grupos distintos aos grupos familiares. Essa aprendizagem formava-se dos vinte e um anos aos quarenta e dois anos. Somente após os quarenta e dois anos, é que os griots tinham o direito à palavra diante dos mais velhos, e, finalmente, adquirir o direito de ensinar e repassar os conhecimentos e histórias para aqueles que o rodeavam. Assim, durante vinte e um anos exerciam a função verdadeira de um griot: o guardião da memória de um povo. (Bernat, 2013).

Desse modo, a educação do griot é baseada na educação familiar e estes possuem, como principal tarefa, deixar um legado para gerações futuras de que o indivíduo tem que estar em constante preparação para exercer as suas funções e exercê-las com amor e eficiência, dando o melhor de si. Em sociedades africanas, o que se percebe é que a família desempenha um papel de grande importância na vida das pessoas. O homem participa e faz parte da grande família, na qual, estão compreendidos, tanto os seus ancestrais, como as pessoas vivas e aqueles indivíduos que não de nascer ainda, num tempo em potencial. Portanto, em África, qualquer que seja a estrutura familiar, seja ela de uma boa ou má condição social, a família representa a base do indivíduo, constituindo o refúgio de cada pessoa diante das situações adversas da vida.

Em se tratando de Brasil, os griots africanos foram incorporados a nossa cultura por meio dos contadores de histórias retratados, principalmente, no nordeste brasileiro. Segundo Santos (2007), os repentistas e contadores de emboladas do sertão nordestino são herdeiros dos griots africanos. Nesse sentido, a autora, ao recorrer aos repentistas nordestinos, conta a história de sua bisavó materna, chamada por todos de Mãe Cabocla. A sua bisavó, Mãe Cabocla, era uma griot que viveu no sertão nordestino; era parteira, benzedeira, rezadeira e guardiã das tradições orais daquela gente:

Hoje quem diz alô sou eu... Vesti o manto de griô da família. Sou descendente de nordestinos pela minha mãe. A família do meu pai é originária do Vale do Paraíba. Duas regiões com enormes mananciais de contos e lendas, sem falar na História

propriamente dita (Santos, 2007, p. 25).

Ao se pensar na maneira pela qual os griots são formados, Sandra Santos é a prova de que a família é primordial nessa formação, pois cresceu ouvindo histórias de sua mãe que, por sua vez, contava os casos de sua família. Hoje, perpetua essas histórias, contando ao mundo relatos de um povo que viveu oprimido, mas sobreviveu a todas as atrocidades possíveis com dignidade e orgulho de ser um brasileiro afrodescendente.

O Nordeste é a região onde chegaram os primeiros escravizados africanos para construir o país. Foi lá que, primeiro, entraram em contato com as culturas do indígena, também escravizado, e do europeu, o escravizador. Foi lá que se ouviu falar primeiro das nossas assombrações mais famosas... É lá a terra de Zumbi e do quilombo dos Palmares (Ibid., 2007, p. 25).

Essa citação remete à reflexão sobre o nordestino, povo que, juntamente aos negros, também sofre preconceitos; discriminado pelo simples fato de ser “nordestino”. No Brasil, a cultura nordestina deveria ser valorizada e compreendida por conter o berço da cultura afro, contudo, ela é ainda desvalorizada. Por certo, a literatura brasileira está permeada de vestígios dos griots, pois eles buscam o diálogo com a tradição oral para recontar suas histórias, permitem ao leitor uma reflexão sobre a diversidade e multiplicidade cultural, contribuindo, ativamente, para a formação da literatura oral quando os escravizados contavam suas histórias para seu povo durante o período da escravidão, nas plantações de cana-de-açúcar, ou dentro das casas grandes e das senzalas, bem como nas cidades.

Para Nascimento (2006), os griots eram considerados os guardiões da memória coletiva que retratavam a história de um povo. Como dito anteriormente, por meio da árvore do esquecimento, os escravizados, quando foram trazidos para o Brasil no período da escravidão, era feita uma tentativa de apagamento de suas memórias, pois estes eram considerados “coisa”, e não ser humano. Por sua vez, Souza discorre sobre a maneira como as memórias dos negros eram apagadas:

A história das culturas afrodescendentes é tradicionalmente marcada por embates e discussões que envolvem reflexões sobre a temática da memória, da história, da identidade e das performances. Esse debate tem seus marcos originais na história do tráfico e na existência de um ritual que envolvia circular em torno da “árvore do esquecimento” para garantir imunidade ao “banzo” e, principalmente o apagamento dos nomes e das tradições culturais daqueles que seriam embarcados à força para a diáspora (Souza, 2007, p. 30).

O que se observa é que a consequência da árvore do esquecimento foi danosa para os

africanos. É o que afirma Ferreira (2013), ao discorrer que os afrodescendentes foram vítimas desse ato, que é um ritual baseado na convicção de que a memória era uma poderosa arma de resistência, devendo, então, ser apagado, ou seja, promover uma ruptura com o passado. Muitos lutam até hoje para descobrir quem são e quais são suas origens. Ainda no Brasil, o afrodescendente é um povo que desconhece boa parte de sua tradição coletiva, que, um dia, foi invisibilizada.

Com todas essas adversidades do apagamento de memórias dos negros por meio da árvore do esquecimento, houve certa resistência por parte desse povo, resistência essa que pode ser percebida quando eles continuavam contando suas histórias. Assim, segundo Souza (2007, p. 31), “os africanos e afrodescendentes costuraram e teceram identidades e, a partir da memória, reorganizaram suas vidas, desenhando novas configurações culturais advindas da sua situação em terras estrangeiras”.

No Brasil, a resistência dos afrodescendentes teve um impacto muito grande nas artes, como também na literatura, em que há diversos autores que retratam os contos africanos, aproximando esta cultura, às vezes distante, às vezes próxima, mas presente na formação cultural da sociedade brasileira. Ao perpetuar as raízes do seu povo, o griot tem um papel fundamental na sociedade, pois fortalece a resistência cultural. Contudo, o griot não exclui o estrangeiro, sua função é aproximar-se da cultura do outro, há uma troca cultural contundente entre ambos (Santos, 2010). Sendo assim, evidencia-se a pluralidade cultural em que cada indivíduo adquire um pouco da cultura do outro e também repassa a sua, formando uma nova cultura.

4. As Contribuições de Rogério Andrade Barbosa

Na perspectiva de tentar uma aproximação entre a cultura africana e a brasileira, o escritor Rogério Andrade Barbosa, pesquisador ínfimo da Literatura Africana, principalmente, da tradição oral, em que os griots são os protagonistas, relata que, em seus contos, os griots narram com tanta maestria suas histórias, que conseguem “imitar os trejeitos e as vozes das personagens com uma exatidão impressionante”. Partindo da análise do livro “*O Filho do Vento*” o autor reconta a lenda de um povo que vive em harmonia com meio ambiente, e que cultua os fenômenos como um “Deus Supremo” e veneram os ensinamentos dos antepassados (Barbosa, 2001).

Houve uma época em que nessas comunidades étnicas, por estarem ligadas aos escravizados, os seus cultos às divindades africanas eram proibidas. Para conseguir manter

suas tradições afro-brasileiras, estas foram incorporadas ao catolicismo em um fenômeno conhecido como sincretismo. “Nasce uma religiosidade popular em torno das irmandades católicas e dos terreiros de umbanda e candomblé.” (Gedeles, 2012). Os cativos passaram a relacionar as divindades africanas com os santos católicos. Os deuses africanos pertenciam às forças da natureza, o que os faz sempre presentes no Brasil.

Na narrativa Enquanto o Vento “Zune”, a mãe relata aos seus filhos a história de seu povo sobre o filho do vento. O filho do vento era um menino solitário que foi criado em uma floresta, isolado da civilização, não tinha com quem brincar e nem conhecia outros de sua espécie. Um belo dia, avistou um menino de sua idade subindo a montanha em busca de ovos de avestruz. O filho do vento, assim, joga bola e brinca com o menino que se chamava Nakati, mas sem revelar a sua verdadeira identidade. Contudo, a mãe de Nakati o alerta sobre o seu companheiro e o perigo de pronunciar o seu nome. Ao finalizar a história, a contadora alerta seus filhos para que nunca pronunciem o nome do filho do vento, caso contrário, o vento seria tão forte que destruiria todos que não estivessem protegidos.

Na análise do conto, identificou-se a importância retratada do ser humano conviver em harmonia com a natureza, quando a mãe conta aos seus dois filhos que “há muito tempo, o Sol, a Lua, as estrelas, os animais e as plantas eram nossos irmãos” (Barbosa, 2001, p. 8). A mãe fala a seus filhos que todos viviam em paz um ao lado do outro. Assim, na cultura africana, a natureza recebe uma valorização diferenciada em relação ao mundo ocidental, existindo uma relação harmônica do homem e natureza num sentido de complementaridade, diferentemente, do homem ocidental.

A mãe, nesse conto, pode ser representada pelo griot, pois conta as histórias de seu povo para os filhos, passando de geração para geração as suas histórias, tornando-se a guardiã da memória coletiva.

O nosso povo tem muitas lendas – disse a mulher -, que passam de geração para geração. A que vão escutar, eu ouvi quando era pequenina como vocês, num dia semelhante ao de hoje. Guardem bem esta história, que é sobre o Filho do Vento. Assim, quando vocês crescerem, poderão contá-la a seus filhos e netos (Ibid., 2001, p. 10)

Ao contar a história d’ *O Filho do Vento*, a mãe observava que o menino evidenciava os animais e os fenômenos da natureza como humanos, valorizando o habitat de cada um. Essa valorização do ser humano também é reconhecida quando a mãe conta que o filho do vento gostava de brincar com crianças, mesmo que não soubesse os seus nomes. Quando uma das crianças que brincava com o filho do vento pergunta a sua mãe qual o nome dele, a mãe

assustada dizia para nunca se pronunciar este nome em vão. O menino curioso desobedece a mãe e pronuncia o nome em voz alta e, sem querer, provoca um vendaval tão forte capaz de destruir todos à sua volta.

A mãe representa os mais velhos, os experientes e que ensina os mais novos, essa relação pode ser verificada quando a mãe fala ao filho o nome do filho do vento e explica que não poderá chamar o seu nome antes que as paredes da casa estivessem reforçadas, caso contrário, seriam destruídas. O menino, filho da mãe que relata a história, representa os mais novos, que, depois de causar a destruição, chamando o nome do filho do vento, sentiu-se culpado e acredita que os outros homens não gostavam dele devido à sua atitude.

Desse modo, com esse conto, Rogério Barbosa, por meio do resgate de uma lenda africana, além de trazer um pouco da cultura afro para as suas histórias, demonstra o valor da natureza para o povo africano. A grande sabedoria do conto é a lição de que a natureza sempre age conforme a ação humana, podendo ser percebido nos dias atuais por meio de enchentes, vendavais, destruição em algumas regiões, onde, provavelmente, foram totalmente e/ou parcialmente modificadas pelas ações humanas.

Se os homens seguissem a sabedoria dos antepassados africanos, bem como a valorização da natureza, grandes catástrofes poderiam ter sido evitadas. O conto também traz o ensinamento de que há possibilidade de se conviver em harmonia com a natureza, retirando dela apenas o necessário para subsistência, isso evidenciado pela comunidade africana, na qual, se passa a história, em que somente retirava da natureza o necessário para a sobrevivência.

No cosmo da visão africana, a finalidade da existência do homem está estabelecida no Universo, assim, o homem irá compreender que se a natureza tem seus dias ruins, as pessoas também os têm. Nessa visão, independente dos desejos do homem, ainda que esses estejam permeados por aspirações nobres ou grandiosas. Diferentemente do mundo ocidental, pois, na cultura africana, existe o parentesco original entre o homem e a natureza, existindo uma comunhão profunda entre ambos. Assim, existe um processo de amadurecimento do ser. O homem africano participa, envolve, estabelece vínculos com a natureza (Agalusa, 2006).

Nessa visão, para a concepção africana, o projeto maior da vida do homem é encontrar o equilíbrio, a harmonia entre o homem e a natureza no Universo. O homem africano guarda sempre certa docilidade profunda com a natureza, mesmo no mundo moderno de transformação. Trata-se de uma dimensão relacional de homem/natureza na sua individualidade e coletividade integrada.

Rogério Andrade Barbosa, ao narrar a sua história, consegue trazer para a literatura

brasileira um pouco da cultura africana e, por meio desse conto, evidencia a maneira como é necessário estabelecer relações do homem com a natureza, para que não sejam essas relações, puramente, técnicas como têm sido. Relações diferentes das relações do homem conquistador da natureza, como relações de respeito recíproco, de participação e o mais importante, relações de complementaridade.

Outro fator evidenciado no conto *O Filho do Vento* é a memória e a história da sociedade Africana que é preservada, oralmente, aos seus descendentes. A memória em questão é a coletiva conceituada, anteriormente, por Le Goff e evidenciada por Souza (2007, p. 31-32): “[...] a voz do contador de histórias liberta a força do seu imaginário e a do seu grupo, fazendo do processo de recepção um ato coletivo”. O que se percebe com Souza é que esta arte de contar história preserva a oralidade dos ancestrais, mantendo a lei do grupo, uma vez que ele tende a seguir o que foi repassado por seus ancestrais, preservando as tradições e a cultura do grupo. Por isso, Souza acredita que a arte de contar histórias é um exercício de sabedoria:

Um exercício de sabedoria e de memória que se mostrou de extrema produtividade na transmissão e preservação de contos, procedimentos rituais, contos e tradições que só sobreviveram até a presente data justamente porque os ancestrais acreditaram na memória e na oralidade como instrumentos privilegiados na correia de transmissão de conhecimentos e saberes (Ibid., 2007, p. 32).

Souza afirma que é por meio da oralidade que os cativos conseguiram preservar a sua história, cultura e tradição e que seus conhecimentos também eram transmitidos por meio dos contos. Por isso, a importância deles, para que se perpetue e valorize a história dos afrodescendentes no Brasil. Por meio de narrativas de Rogério Andrade Barbosa, autor muito referenciado e trabalhado em várias escolas do Brasil, voltadas para a cultura afro, a geração atual e as futuras gerações poderão reconhecer o valor do africano para a cultura afro-brasileira.

Em sua outra obra, *Como as histórias se espalharam pelo mundo*, Barbosa (2002), baseado na literatura oral do povo nigeriano, evidencia, nessa narrativa, a diversidade cultural do continente africano. Nessa obra, Barbosa narra à viagem de um ratinho, personagem principal do conto, aos quatro cantos da África. O ratinho é curioso e inteligente, retrata a imagem de um griot, colecionador de histórias.

O protagonista, rato esperto, desvenda os aspectos culturais das savanas, em que as mulheres executam suas atividades domésticas com seus filhos amarrados às costas; as

atividades dos ferreiros que, em fornos de barro, ornamentam os metais, dando vida a estes; as atividades das tecelãs que tecem fios coloridos; o cotidiano das crianças que espantam os corvos nos milharais e diversas outras histórias que são tecidas em cordões mágicos e que são soltas pelo vento e vão se misturar em outros espaços.

A análise desse conto pauta-se, sobretudo, na importância da diversidade cultural das regiões africanas retratadas por meio da memória. O griot, guardião da história, representado pelo rato, sendo o protagonista do conto nos dizeres do autor é: “O rato, como dizem os contadores de histórias da África, é um bicho muito curioso e inteligente. Nada escapa aos seus sentidos. Não há lugar onde ele não consiga se enfiar” (Barbosa, 2002, p. 2). Assim, no conto, o rato será o responsável por reunir as diversas memórias e agrupá-las para, finalmente, repassar as histórias, demonstrando a diversidade cultural das regiões africanas.

O rato, protagonista da história, entra, sorrateiramente, em cada comunidade e observa as histórias que ali se passam para, depois, transmiti-las para o mundo. Para que isso aconteça, o protagonista do conto precisa fazer uso da memória coletiva, pois ele necessita reunir as diversas memórias para poder repassá-las. Nessa perspectiva, a memória coletiva pode ser representada pela reunião das diversas histórias do povo africano, dos diversos cordões mágicos que foram espalhados e trazidos pelo espaço, e que o rato guardava no baú. As lembranças, as memórias, as histórias se espalharam pelo espaço para, depois, serem organizadas e difundidas.

Assim, a memória continua sendo a capacidade de percorrer, de remontar o tempo, sem que nada, em princípio, proíba prosseguir esse movimento sem continuidade de passar para frente aquilo que foi apreendido. A memória coletiva é a memória do plural, a memória de um povo. Já a memória individual no conto é representada por cada cordão colorido no singular, que guardava a história de determinada sociedade (povo). Contudo, o exercício da narrativa pelo ratinho somente pode ser dado por meio do exercício da alteridade, que estará ancorado na diferenciação das histórias, dos tempos e dos espaços para poder se confundir em uma só memória: a memória coletiva.

Diante desse contexto, verifica-se que os griots trabalhavam suas histórias e seus contos para seus ouvintes por meio da memória, sobretudo, no conhecimento de que são representações de um povo, baseadas no diálogo entre os indivíduos e grupos étnicos que, através da palavra, propagam suas raízes culturais (Hampaté Bâ, 1982). O papel do ratinho é de extrema importância, pois ele é responsável por agrupar as memórias e distribuí-las. Dessa forma, o papel exercido por ele ao reunir as memórias no baú, é o de propagar memórias e ensinamentos das diversidades. O que se vê, é que só será lembrado aquilo que é colocado em

contato com outros grupos e por outras correntes de pensamento.

Le Goff (1990) contribui ao afirmar que a memória individual é relevante para conjugar a memória coletiva, uma vez que os guardiões da história precisam da memória individual para perpetuar os seus contos aos seus descendentes. Quando o ratinho ouvia as diversas histórias do povo africano de regiões distintas absorvia-as, construindo uma gama de diversidade cultural, pois o modo de vida e a cultura de cada povo eram manifestados de maneiras diferentes. O ratinho, ao ouvir e recontar essas histórias, possibilita, aos ouvintes, absorver a cultura do outro, e, conseqüentemente, repassar a sua para outro, construindo, assim, identidades culturais diversas, formando uma gama de pluralidade cultural.

Também Souza (2007) contribui com esta análise, ao pontuar o papel da construção das memórias por meio das narrativas,

Recriar, reelaborar performances e histórias põe em destaque o fato de que as identidades e as culturas não são imaginadas de uma vez por todas, mas são constantemente recriadas e acrescidas com o trabalho ativo da memória e de seus vazios. De tal modo que práticas culturais consideradas tradicionais são reinterpretadas, reconstruídas ou reinventadas por esta memória ativa, apresentando-se com outras roupagens e sentidos – um processo de ressignificação assentado em tentativas de atividades sociais produzirem representações de memórias culturais dos afrodescendentes para transformá-las em instrumento político de intervenção e mudança sociopolítica (Ibid., 2007, p. 38).

Essa diversidade cultural apresentada pelo griot do conto mostra o quanto é importante o estudo das diversas culturas para se compreender que a cultura de cada um é formada pela junção de diversas outras apresentadas pelos antepassados deles e preservada com o intuito de resguardar tradições. Somente assim, gerações futuras poderão conhecê-la e valorizá-la.

Nesta direção, no conto *Como as Histórias se Espalharam pelo Mundo*, o personagem principal, o ratinho, em cada região que passava, ouvia cada história cuidadosamente, e esta era representada por um cordão tecido de cores diferentes que guardava em um baú. Depois de agrupá-las, propagava os cordões coloridos pelo espaço para poderem ir ao encontro de outros mundos, saberes e culturas distintas. Desse modo, fica evidente que para se reconhecer como identidade, é preciso conhecer a história.

Não obstante, as histórias de cada povo são referenciadas por Souza (2007) como um tesouro insubstituível, uma vez que se compõem vivências, desejos e realidades de povos distintos que contribuíram, ativamente, para a formação cultural dos brasileiros. Por isso, é relevante a aproximação da literatura brasileira aos contos africanos. Assim, as histórias do ratinho privilegiam as diversidades, uma vez que valorizam as condições de se conhecer diversas culturas, reconhecendo as raízes culturais.

Por fim, por meio dessas obras afro-brasileiras narradas por Rogério de Andrade,

compreendemos que a tradição dos griots, repassada por meio de histórias, não consiste tão somente em evocar o passado, mas em conhecer a tradição desses povos que se fazem menores esquecidos. Povos esses que são de extrema importância para uma sociedade como a brasileira, na qual, mais da metade de seus habitantes possui descendência africana. Com esses contos, o autor Rogério Barbosa aproxima as crianças brasileiras da cultura afro, instigando-as a refletirem sobre a diversidade cultural que as cercam e a maneira pela qual essa cultura contribui para a formação da identidade do povo brasileiro.

5. Considerações Finais

Os resultados da presente pesquisa, realizada com o objetivo de destacar a representação dos griots na cultura africana e na maneira pela qual essa representação configura-se em narrativas brasileiras, problematizando a literatura europeia, em detrimento da literatura afro-brasileira, sinalizam que os griots eram personagens de extrema importância para a permanência da história do povo africano. Eles são os guardiões da história e retratavam a realidade sociocultural de um período histórico. Povos esses que muitas vezes não sabiam ler e nem escrever, por isso, a oralidade era o ponto chave para o entendimento de sua cultura. Assim, preservavam a memória coletiva, uma vez que seus ouvintes eram as tribos, nas quais, estavam inseridos.

Com o advento da escravidão, os escravizados foram trazidos para o Brasil em navios negreiros, por serem objeto de trabalho e considerados “coisa”. Na diáspora desse povo, houve a tentativa de apagar suas memórias, a fim de não terem dificuldade de adaptação à sua nova realidade. No entanto, muitos escravizados resistiram e preservaram suas culturas contando as histórias de seu povo nas senzalas, o que despertava desejo de liberdade e de serem reconhecidos como “gente”.

Não obstante, esse povo sofrido e tolhido de direitos teve pouca influência na literatura brasileira. Contudo, Rogério Andrade Barbosa em seus contos vem resgatar essa africanidade tão latente, porém velada pelo etnocentrismo da literatura trabalhada em sala de aula. Nesse interim, aproxima a realidade africana com a brasileira, evidenciando que o Brasil é um país afrodescendente.

Constata-se que a história real jamais foi trabalhada nas escolas brasileiras, um dos motivos pelo qual os afro-brasileiros são vítimas de preconceitos. No contexto de Brasil, a escola não educa para valorizar a cultura-afro, e sim apenas retrata a versão dos escravizados como mão de obra, sem valor intelectual. Portanto, é imprescindível resguardar a cultura afro-

brasileira para que seus descendentes sintam-se parte integrante do processo sócio cultural brasileiro.

De acordo com essa visão, o escritor Rogério Andrade Barbosa sentiu esta necessidade em pleno *boom* da literatura infantil, quando escritores como Ziraldo, Ruth Rocha, Ana Maria Machado e Joel Rufino focavam a literatura aos moldes da literatura europeia. Daí sua necessidade de se escrever e pesquisar sobre os contos africanos, enfatizando a importância dos griots para a preservação da cultura afro-brasileira. Somente assim, professores e educandos poderão ter a oportunidade de conhecer a cultura de seus ancestrais.

O fator que ajudou Rogério Barbosa na publicação dos seus contos, em sua tentativa de valorizar uma literatura além da europeia, foi o momento em que começou a publicar seus livros em meados de 2001, 2002, que coincidiram com o surgimento da Lei nº 10.639, em janeiro de 2003. Tal lei é indispensável para começar a se pensar e preceituar sobre a necessidade de formar professores capacitados para trabalhar a cultura afro-brasileira nas escolas, uma vez que foi trabalhada de forma pejorativa, não dando o real valor à cultura em questão.

Os contos abordados neste artigo são relevantes para a formação da literatura afro-brasileira, uma vez que contos nesta área são escassos. Faz-se necessário evidenciar essa cultura para que o povo brasileiro rompa o paradigma do preconceito em relação ao negro e aos seus afrodescendentes, passando a valorizá-los como indivíduos constituintes da cultura brasileira.

A pesquisa realizada suscita um aprofundamento maior acerca dessa temática tão relevante para o processo educacional brasileiro. Assim, vários questionamentos foram imergindo que, por certo, conduzirão futuras investigações: Como as escolas vêm abordando a educação para as relações étnico-raciais? Que caminhos e estratégias poderão ser mobilizadas no contexto educacional da educação básica para valorizar e resgatar a cultura africana com destaque para os griots?

Referências

Agualusa, J. E. (2006). *O filho do vento*. Rio de Janeiro: Língua Geral.

Araujo, L. A. (2016). As Marcas da Diáspora na Oralidade do Candomblé Baiano. *Revista de Estudos Linguísticos, Literários, Culturais e contemporaneidade Universidade de Pernambuco*. Número Especial 18b – 03, 259-264

Bâ, A. H. (2010). A tradição viva. In. *História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África* / editado por Ki -Zerbo, J. – 2.ed. – Brasília: UNESCO. 8, 167- 212.

Barbosa, R. A. (2001). *Como as histórias espalham pelo mundo*. São Paulo: DCL.

Barbosa, R. A. (2001). *Filho do vento*. São Paulo: DCL.

Barbosa, R. A. (2013). *O filho do vento*. 2.ED. São Paulo: DCL.

Bernat, I. (2013). *Encontros com o griot Sotigui Kouyaté*. 1 ed. Rio de Janeiro: Pallas.

Bosi, A. (1992). *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

Bogdan, R.; Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Portugal: Porto Editora.

Candido, A. 1975. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. 5 ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1975.

Ferreira, A. C. (2012). “Recordar é preciso”: Considerações sobre a figura do griot e a importância de suas narrativas na formação da memória coletiva afro-brasileira. v. 18, n. 2.

Figueira, C. R., & Miranda, L. L. (2012). *Educação patrimonial no ensino de História nos anos finais do Ensino Fundamental: conceitos e práticas*. São Paulo: Edições SM.

Fonseca, J. J. S. (2002). *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

Geledes. A. *História da escravidão negra no Brasil*. Disponível em:<<https://www.geledes.org.br/historia-da-escravidao-negra-brasil/2012>>. Acesso em: 19 mar. 2020.

Hansen, K. *Entrevista: Rogério A. Barbosa, escritor e contador de histórias*. 2004. Disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/jornal/materias/0202.html>> Acesso

em: 19 mar. 2020.

Hampaté Bâ, A. (1982). *A tradição viva*. In: Ki-Zerbo, J. (coord.) *Metodologia e Pré-História da África, História Geral da África*. São Paulo: Ática/Unesco, 1982. 1, 182-183.

Júnior, T. (2001). *Griot, conhecimento transmitido pela oralidade*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4ANPY3AS0AE>> De 15 de Novembro de 2015. Acesso. 21 de mar. 2020.

Le Goff, J. (1990). *História e memória*. Tradução Bernardo Leitão [et al]. Campinas, SP. Editora UNICAMP.

Medeiros, M. *Autores > Rogério Andrade Barbosa*. Editora Gaivota. Disponível em: <<http://www.editoragaivota.com.br/autor/rogerio-andrade-barbosa>>. Acesso em: 19 jan. 2020.

Melo, Marilene Carlos do Vale. (2009). A figura do griot e a relação memória e narrativa. In: *Griots – culturas africanas: linguagem, memória, imaginário*. 1 ed. Natal: Lucgraf.

Nascimento, A., Semong (2006). *É. Griot e as muralhas*. Rio de Janeiro: Palla.

Nascimento, G. M. N. (2006). *Feitio de viver: memórias de descendentes de escravos*. Londrina. Editora Eduel.

Nascimento, L. A., Ramos, M. M. (2011). *A memória dos velhos e a valorização da tradição na literatura africana: algumas leituras*. *Crítica Cultural*, 6(2), 453-467.

Pereira, A. A. (2012). “Por uma autêntica democracia racial!”: os movimentos negros nas escolas e nos currículos de história. *Revista de História*, 1(1), 125.

Pereira, E. de A. (2007). *Malungos na escola: Questões sobre culturas afrodescendentes e educação*. São Paulo: Paulinas.

- Postioma, A. (1968). *Filosofia Africana*. Luanda: Seminário de Luanda. 29-30, 1968.
- Santos, S. (2007). *Coleção Percepções da Diferença. Negros e Brancos na Escola: Brincando e ouvindo histórias*. Volume 9. Brasil.
- Souza, F. (2007). *Memória e performance nas culturas afro-brasileiras*. In: Alexandre, Marcos Antônio. *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições.
- Spadoni, S. S. (s/d) *Africanidade em O filho do vento*. UFRGS. Disponível em: http://www.pucrs.br/edipucrs/CILLIJ/do-texto-ao-leitor/Africanidade_em_O_filho_do_vento_pdf>. Acesso em: 10 jun. 2020.
- Vancina, J. (1980). *História geral da África*. vol. I – Metodologia e pré-história africana. UNESCO. São Paulo: Ática, 1980.
- Vansina, J., Ki-Zerbo, J. (org.). (1982). “*A tradição oral e sua metodologia História geral da África*, volume 1- metodologia e pré-história na África”. São Paulo: Ática; Paris: UNESCO, 1982.
- Von Simson, O. R. M. (2020). *Memória, Cultura e poder na Sociedade do Esquecimento*. Disponível em: <http://www.lite.fae.unicamp.br/revista/vonsimson.htm>,>2006. Acesso em: 23 fev. 2020.
- Wild, B. Jacques Le Goff-Memória. *Só Resenhas*. Disponível em: <http://recantodaresenha.blogspot.com.br/2016/04/jacques-le-goff-memoria.html>>. Acesso em: 26 de jan. 2020.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Roselina Aguiar – 35%

Marcela Ítalo Rodrigues e Silva – 15%

Rosenilde Nogueira Paniago – 15%

Luciana Aguiar – 15%

Vanilda Maria Campos – 10%

Álvaro Itaúna Schalcher Pereira – 10%